

GAVEA CLUB



O Baile de Sabbado.

UM CASAMENTO
NO SÉCULO XXX
POR BERILO NEVER

(Estamos no anno 2.928 da era christã. A scena representa uma sala de visitas do palacio do sr. Pereira de Mesquita, grande millionario, possuidor do maior numero de acções da poderosissima Companhia dos Caminhos Aereos do Atlântico e Pacifico. A sala é simples e sobria. Não ha tapetes nem quadros. Pelas paredes, revestidas de vidro fosco, existem, apenas, graphicos, estatisticas e quadros demonstrativos, ensinando os benefícios da Hygiene na progressiva dilatação da Vida humana. Um esqueleto ostenta os seus ossos descarnados, e, repetido em varias posições, ensina a andar, a sentar, etc. de acordo com os preceitos da medicina moderna. Em uma placa de aço está gravado este conselho do presidente da Republica, transmittido a todos os departamentos do paiz: **NÃO DEIXEIS QUE AS VOSSAS FILHAS CASEM COM HOMENS DOENTES!** Apparelhos e tubos de metal regulam a temperatura, extraem o ar viciado, absorvem as poeiras trazidas pelos que entram

da rua, nas suas roupas leves e folgadas. Antes de dar a mão, cada pessoa que entra tem que immergir-a numa solução antisепtica. As damas não se beijam como outrora. Quando uma pessoa espirra, immediatamente todos deixam a sala até que se vaporise formol em grande quantidade para purifical-a. Como está muito frio, o dono da casa mандou servir bebidas quentes mas cada um tirou de seu bolso, sem cerimonia, um cylindro de vidro esterilizado, que substitue os antigos copos e calices de uso promiscuo. Estão em scena o sr. Pereira de Mesquita, d. Alice de Mesquita, sua esposa, o medico da familia, dr. Antisепtico Mirabolante, a senhorita Edith, filha do casal Mesquita, o namorado desta, poeta Esmervaldino Crepuscular, e algumas damas velhuscas amigas da familia millionaria, e filantes habituaes de seus jantares succulentos. O poeta está a um canto, palido e nervoso, sentado numa cadeira hygienica, modelo Pasteur. O medico, discretamente affastado, assiste ao desenrolar daquele importante episodio domestico. Madame Mesquita, semi-indiferente, morde, com volupia, a ponta de um biscoito nutritivo, aprovado pela Saude Publica, e muito bom para senhoras de certa

idade. As damas velhuscas coxiam num murmurio brando e pouco intelligivel)

ACTO I

O sr. Mesquita — (lendo a papeleta que tem nas mãos) Mas é incrivel que o sr. se atreva a pedir a mão de minha filha, com uma ficha sanitaria nestas condições! (Dirige se para o moço, que continua sentado, e mais palido do que nunca) Isso é la o peso de um homem de 28 annos! 54 kilos! O sr. deveria pesar, pelo menos, com os seus 1, 65 metros de altura, 65 kilos! Não é, meu caro doutor? (O medico diz com a cabeça que sim) E a pressão arterial? Uma miseria! Felizmente, não ha treponemas no sangue, mas a analyse do liquido de eliminação renal accusa traços de albumina! Não poderá comer azotados, pelo menos nestes dez annos, e será preciso seguir um regimen especial... Emfim, uma maçada a vida da pobre moça que casar com o sr.!

(O poeta levanta-se em tremuras, e arrisca, balbuciante):

O poeta — Perdão, sr. de Mesquita, mas... não tenho syphilis, como o sr. vê, nem glycosuria, nem qualquer outra molestia grave. Só tenho habitualmente, tres milhões de pneumocócos na bocca, e a

medida do meu frontal annuncia que os seus netos serão dotados de muita intelligencia : musicos, mathematicos, philosophos...

O sr. Mesquita — E essa albumina, sr. Mirabolante, essa albumina? Não me quererá dizer, por ventura, o que ella significa? Noites perdidas, farras indecentes, talvez...

O poeta (tomado de subita energia) Por quem é, sr. Mesquita! Não profane as sagradas perdas de albumina de um poeta romantico! Escrevi, nos ultimos 15 dias, nada menos de vinte sonetos, quatro odes, um dythirambo, e varias composições funebres! Esse grande esforço intelectual não podia deixar de reflectir-se no equilibrio organico, ferindo o sistema metabolico, irritando o epithelio renal. Está ahi o dr. Antiseptico, gloria da nossa sciencia medica, que o poderá confirmar...

(O sabio Antiseptico inclina gravemente a cabeça, num assentimento mudo. O sr. Mesquita parece esfriar, um tanto, as suas exigencias paternas. A sua filha suspira tão alto que as damas velhuscas se voltam, escandalisadas, extranhando aquella desvergonhada manifestação amorosa. Por algum tempo, o millionario circumvagueia o olhar, ora atentando na filha, ora fitando o poeta, com o ar inquiridor, como se quizesse descobrir-lhe, nos olhos, os estygmas fataes das doenças).

O sr. Mesquita (dirigindo-se ao medico) — Está bem: cabe ao sr., meu caro Antiseptico, decidir em nome da Sciencia. Pode esse moço garantir uma prole robusta, como convem aos interesses da familia Mesquita?

— O dr. Antiseptico (solemnemente, e com o dedo espetado no ar) Deante dos exames clinicos, e em nome da Sciencia, afirmo que sim!

(O pai accede, e os noivos abracam-se commovidos, deante do olhar humido dos presentes)

ACTO II

(Um anno depois. E' a ante-camara do palacio Mesquita. O millionario passeia, ancioso) de um lado para outro, consultando o relogio, de momento a momento. O poeta marido tambem não consegue esconder a agitação de que se acha possuído)

O sr. Mesquita — E esse imbecil do Antiseptico que me afirmou estar a Edith em optimas condições de DELIVRANCE! Ja era tempo de ter nascido a creança. Pelos exames feitos, com os novos processos clinicos, disse-me o doutor que o meu primeiro neto deve ser um bello rapaz. Um verdadeiro typo de perfeição plastica, capaz de honrar o sangue puro dos Mesquitas! Mas, essa demora...

O poeta marido — E' verdade, meu sogro. Espero não desmentir

as previsões da Sciencia e os desejos da sua familia. O pequeno, que se chamará Apollo, deve ser de incomparável belleza. Mesmo porque...

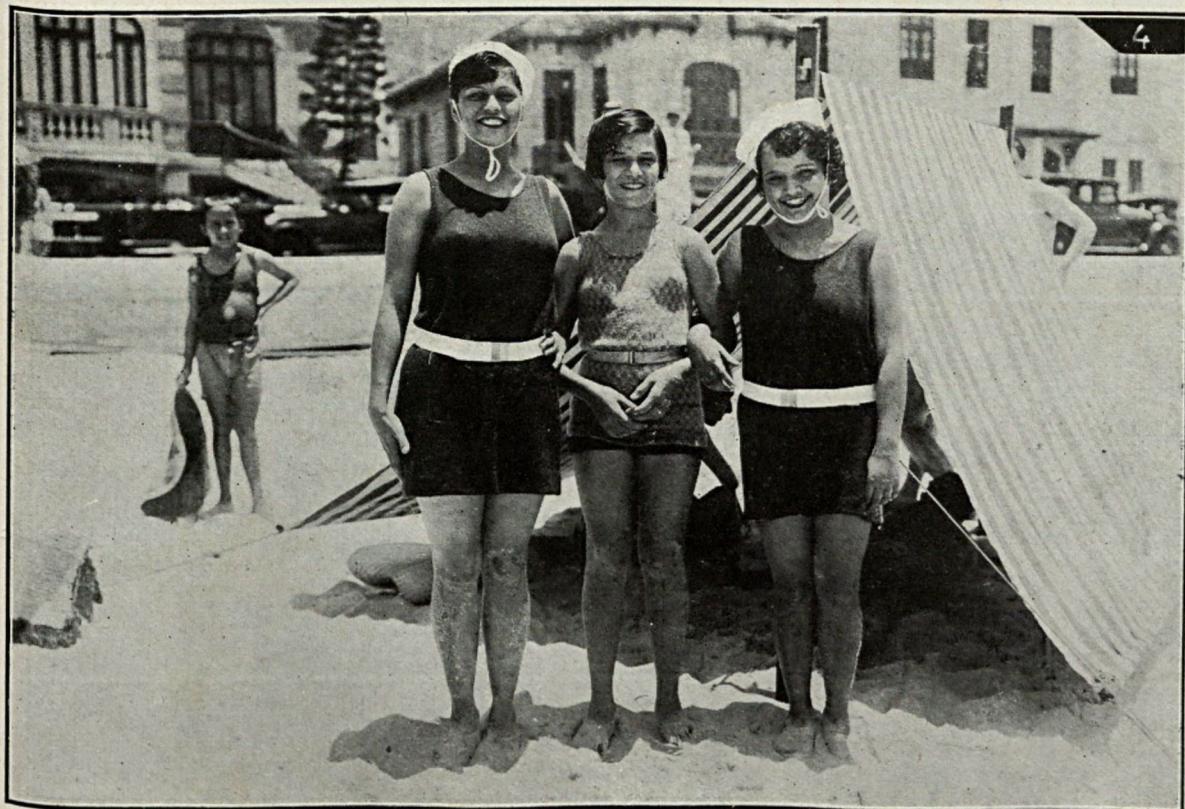
(Um grito lancinante corta o ar, de repente, como uma flexa de fogo. O sr. Mesquita e o genro precipitam-se para a alcova, num impulso irresistivel. O spectaculo que se lhes depara transcende as raias de todas as tragedias shakespeareanas. O dr. tem nos braços uma cousa informe e monstruosa, que semelha, ao mesmo tempo, um bode e um cachorro. Os braços do monstro são finos como caniços, e o ventre é intumescido como o dos sapos. Da cabeça, achatada em triangulo, esgalham umas cartilagens corneas, que lhe dão um aspecto de fauno horrivel. A pobre mãe, ao ver o monstro, desmaiou)

O sr. Mesquita — (Tomado de horror e colera) Infames! Enganaram-me! E a Sciencia, e os traços de albumina, poeta immundo?

— O poeta (caindo, em pranto, na cama onde jaz a esposa desmaiada) Não sei... não sei... não posso explicar! Só se foi a imagem do deus Pan! Fiz-lhe um poema, e a minha mulher se impressionou... (Soluçando alto) Foi Pan, Pan, o capripede!

(Caem o panno e o avô da creança).

BERILO NEVES



PELAS NOSSAS PRAIAS. — A' porta da barraca.